

REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A EMBLEMÁTICA VIOLÊNCIA ESCOLAR NO COLÉGIO ESTADUAL JOÃO KÖPKE

Marcelo Augusto Monteiro Fachina¹
Juan Pablo Catalán Cueto²

RESUMO: Este estudo tem como temática a violência escolar sobre o foco do Colégio Estadual João Köpke. Assim, constitui-se como objetivo geral: analisar a questão no ambiente educacional, diante da violência escolar, como alternativa para o enfrentamento das violências vivenciadas dentro do ambiente escolar. E como objetivos específicos: identificar as manifestações de violência vivenciadas na referida escola, através das percepções dos gestores, professores, alunos; verificar o modelo de gestão adotado pela escola; analisar as estratégias utilizadas pelos gestores no enfrentamento da violência no ambiente escolar, como dispositivo de combate à violência escolar. Para garantir o alcance dos objetivos, adotou-se como metodologia a pesquisa exploratória, descritiva, sendo a abordagem de natureza qualitativa na modalidade estudo de caso. Os instrumentos de coleta de dados empregados foram: a entrevista semiestruturada, a técnica grupo focal, a observação *in loco* e a pesquisa documental. A partir dos relatos dos sujeitos da pesquisa, as falas transcritas foram submetidas a uma análise de conteúdo, por meio da triangulação de dados. Os resultados apontaram que neste ambiente a identificação de situações de violência na escola são poucas, porém apesar de estatística a escola mantém o hábito de desenvolver ações preventivas de modo integrado e contínuo.

Palavras-chave: Violência Escolar. Universo Estudantil. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT: This study has as its theme school violence under the focus of Colégio Estadual João Köpke. Thus, the general objective is: to analyze the issue in the educational environment, in the face of school violence, as an alternative for coping with the violence experienced within the school environment. And as specific objectives: to identify the manifestations of violence experienced in that school, through the perceptions of managers, teachers, students; verify the management model adopted by the school; to analyze the strategies used by managers in coping with violence in the school environment, as a device to combat school violence. To ensure the achievement of the objectives, exploratory, descriptive research was adopted as a methodology, with a qualitative approach in the case study modality. The data collection instruments used were: the semi-structured interview, the focus group technique, on-the-spot observation and documentary research. From the research subjects' reports, the transcribed speeches were submitted to a content analysis, through data triangulation. The results showed that in this environment the identification of situations of violence in the school are few, but despite the statistics, the school maintains the habit of developing preventive actions in an integrated and continuous way.

Keywords: School Violence. Student Universe. Pedagogical practices.

¹Mestre em Educação pela Universidade SEK – Santiago do Chile – Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-4654-8727>.

²Doutor em Educación Mención Innovación Curricular, Docente pesquisador da Universidade SEK Santiago do Chile - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4702-8839>.

RESUMEN: Este estudio tiene como tema la violencia escolar bajo el enfoque del Colégio Estadual João Köpke. Así, el objetivo general es: analizar la gestión educativa, frente a la violencia escolar, como alternativa al enfrentamiento de la violencia vivida en el ámbito escolar. Y como objetivos específicos: identificar las manifestaciones de violencia vividas en esa escuela, a través de las percepciones de directivos, docentes, estudiantes; verificar el modelo de gestión adoptado por la escuela; analizar las estrategias utilizadas por los gestores para enfrentar la violencia en el ámbito escolar, como dispositivo para combatir la violencia escolar. Para asegurar el logro de los objetivos se adoptó como metodología la investigación exploratoria, descriptiva, con abordaje cualitativo en la modalidad de estudio de caso. Los instrumentos de recolección de datos utilizados fueron: la entrevista semiestructurada, la técnica del grupo focal, la observación in loco y la investigación documental. A partir de los relatos de los sujetos de investigación, los discursos transcritos fueron sometidos a análisis de contenido, a través de triangulación de datos. Los resultados mostraron que en este ambiente la identificación de situaciones de violencia en la escuela son pocas, pero a pesar de las estadísticas la escuela mantiene la costumbre de desarrollar acciones preventivas de forma integrada y continua.

Palabras-clave: La Violencia Escolar. Universo Estudiantil. Prácticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A violência é uma realidade que é evidente na vida social do ser humano. Desde os primórdios, esse fenômeno social mostra-se como um dos mais instigantes dentre as atitudes humanas, devido ao seu caráter formado por essência de destruição e imposição de poder. 276

Nos dias atuais a realidade não é diferente, haja vista que a violência continua sendo considerada um fenômeno preocupante, pois vem, cada vez mais, instalando-se em lugares responsáveis pela socialização do indivíduo, como a família e a escola, disseminando, assim, uma cultura da violência que se materializou no modo de pensar e de agir das pessoas em seu cotidiano, tornando-se uma forma natural de perceber o mundo.

O termo *violência* vem do latim *violentia*, em que dentre seus significados está o ato de impetuosidade, porém sua origem na verdade é do termo *violação*, ou seja, alguma ação que vá de forma contrária a alguma regra da nossa sociedade.

Os problemas com enfrentamento da violência é antigo e vem ganhando dimensões crescentes na sociedade e qualquer pessoa está sujeita e vulnerável para sofrer algum tipo de hostilidade.

A desigualdade social tem um papel importante na produção da violência e afeta diretamente a sociedade. No Brasil, segundo Zaluar em diversos artigos (2017, 2018, 2019), as desigualdades afetam a sociedade e principalmente os mais pobres. As desigualdades sociais em

nosso país são grandes, e é o fator que impulsiona a disseminação e instalação da violência em todos os espaços sociais.

A escola, a família, a sociedade como um todo vivenciam a violência em seu dia a dia. As escolas, como um espaço privilegiado de socialização dos indivíduos, são afetadas também pela violência cotidianamente. A violência torna-se uma forma comum de pensar e agir das pessoas. Uma forma de perceber o mundo ao redor e atuar com aqueles que estão ao redor.

A violência escolar não é um fato isolado na sociedade, é uma realidade que é evidente desde os primórdios da humanidade e é um dos fenômenos sociais com atitudes instigantes que vão além da formação do caráter, pois tem sua base na imposição do poder e na destruição do outro.

Atualmente, este fenômeno ganhou grandes dimensões, preocupando toda a comunidade escolar, uma vez que este espaço é responsável pela socialização dos indivíduos e não palco de batalhas.

Para Candau (2019), as manifestações de violência nas escolas vêm preocupando pais e educadores. Em decorrência disso, é importante lembrar que existem diversas formas de violência que acontecem por diversos motivos que acabam afetando o cotidiano escolar.

No Brasil, de acordo com o senso escolar de 2019, o envolvimento da população infanto-juvenil em violência escolar passou a ser mais frequente e a ter maior visibilidade a partir da década de 80, passando a ser uma preocupação crescente dos educadores e até mesmo questão de políticas públicas.

Esses episódios de violência escolar geraram sobretudo um sentimento de insegurança, devido às condutas agressivas dentro do espaço educacional que fragilizaram as relações de interação, integração e dinâmica das relações de socialização.

Essas agressões vão desde manifestações de violência contra o patrimônio físico, com as depredações dos prédios e ou materiais e equipamentos até as agressões verbais e físicas.

Segundo Sposito et al. (2021) o problema da violência escolar persiste nas depredações (destruição dos prédios escolares), invasões e ameaças a alunos e professores e o clima de insegurança agrava-se com a ação do crime organizado, do tráfico de drogas e de armas.

Diante dessa realidade, a violência escolar vem se tornando um fenômeno corriqueiro dentro do ambiente escolar tanto que, muitas das vezes, foge do controle dos gestores

educacionais, sendo necessária uma intervenção de atores da saúde e da segurança pública, para o tratamento e controle destas ações violentas.

Para Waiselfisz (2018) o quadro de violência atual representa elevados custos para o país, não só no plano econômico, mas também no campo social, na política, na saúde pública e até na esperança de vida da população. Em pesquisas realizadas pela UNESCO com jovens na faixa de 14 a 19 anos de idade de várias cidades do Brasil foi verificado que 60% desses jovens foram vítimas de algum tipo de violência nas escolas nos últimos anos.

A violência nas escolas é um problema que não pode ser ignorado. O não enfrentamento à violência tende a permitir que ela cresça em nossas escolas. Observa o mesmo autor que:

[...] verificada a escalada de violência que vitima a juventude: a taxa de mortalidade, na faixa etária de 15 a 24 anos por causas violentas, duplicou nas duas últimas décadas. No contexto internacional, índices de homicídios entre jovens são extremamente elevados. Outras informações são ainda mais preocupantes: no plano nacional 40% das mortes entre jovens devem-se a homicídios. Nas capitais do país, essa proporção se eleva para 47%. (Waiselfisz, 2003).

Assim, o problema que norteou este trabalho foi: Como a comunidade educacional da Escola Estadual João Köpke se manifesta diante da violência no ambiente escolar?

A complexidade é tamanha que se faz necessário um estudo mais detalhado para buscar implementações e estratégias de enfrentamento capazes de sanar e ou reduzir estas manifestações de violência dentro das escolas.

Para Santos (2019) a violência escolar é tema de pesquisas acadêmicas e de estudos realizados por organizações não governamentais, por profissionais da educação e por organismos públicos, preocupados em reduzir a violência nas escolas.

O tema sobre violência escolar fomentou o interesse em abordar o assunto, com o intuito de contribuir e colaborar com abordagens capazes de influenciar positivamente no contexto de violência escolar e com a banalização e indiferença das pessoas com relação aos problemas enfrentados no ambiente educacional.

A construção de um ambiente escolar propício é extremamente importante, porque é nele que se responde não só pelo bom funcionamento institucional, mas também pelo cumprimento da função educativa e pela promoção e conscientização dos valores capazes de contribuir para romper com a violência estrutural.

Tem como objetivo o estudo, analisar o problema de violência entre os membros da comunidade escolar no contexto educacional do Colégio Estadual João Köpke.

METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada com os professores e funcionários da própria instituição de ensino. Foram convidados todos os docentes e funcionários (42 profissionais), 34 professores, o diretor e o vice-diretor, a orientadora pedagógica e os monitores e sessenta e três alunos que representaram todas as turmas existentes na escola.

Dentro deste contexto é possível afirmar que se constitui uma amostra por acessibilidade ou conveniência, porque esses elementos, de alguma forma, representam o universo da pesquisa.

A pesquisa foi realizada a princípio de forma direta (questionário impresso), posteriormente, devido à pandemia e à dificuldade de se estar presente, utilizaram-se as redes sociais e *whats App*.

As perguntas aqui direcionadas aos professores e alunos tinham o intuito de compreender quais os problemas oriundos da sala de aula que, possivelmente, seriam retratados em ações de violência. As perguntas foram as mesmas tanto para os professores quanto para os alunos, pelo fato de ambos, quando postos na condição de vítima ou agressor, dividirem o mesmo universo, compartilhando dos mesmos ambientes e conflitos, mesmo que com objetivos distintos. Ainda nessa entrevista, buscou-se compreender o conhecimento desses grupos em relação ao tema da pesquisa.

279

Quadro II - Questionário

Pergunta	Descrição do objetivo da elaboração desse questionamento, ou seja, qual informação pretende coletar?
1. Você já sofreu alguma violência na escola? Qual(is)?	Identificar quais os casos de violência existentes na escola.
2. Você já agrediu algum aluno (a), professor (a) ou funcionário da escola? Por quê?	Transpor as respostas desta pergunta com as causas de agressão correspondentes aos resultados obtidos da análise dos livros de ocorrência.
3. Você consegue apontar as consequências negativas da agressão que fez ou sofreu?	Verificar se o entrevistado percebe os efeitos que a violência possivelmente causou negativamente às vítimas
4. Você considera sua escola violenta?	Verificar a opinião dos entrevistados em relação à escola
5. Existem causas externas à escola que influenciam o índice de violência na escola?	Identificar os possíveis agentes externos à escola, que influenciam no índice de violência na escola.
6. Existe relação entre os atos de violência na escola e os pais dos alunos? Por quê?	A gestão da escola possui relação com violência na escola.
7. A gestão da escola possui relação com os atos de violência na escola? Por quê?	Verificar como os entrevistados pontuam a família e a equipe gestora da escola em relação aos atos.

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

As entrevistas realizadas com todos os quarenta e três professores e funcionários e sessenta e três alunos de todas as turmas da escola foram importantes para conhecer a quantidade de ocorrências de violência no interior da Escola Estadual estudada. Além disso, também foram fundamentais para orientar o pesquisador a direcionar seu estudo aos objetivos almejados. Ao responderem as perguntas, os alunos e professores pesquisados tiveram a preocupação em atender a todas as perguntas, e ninguém mostrou insegurança ao dissertar sobre a violência na escola, porém não houve nenhuma fala que chamasse atenção para um contexto agressivo, todos se dispuseram a solucionar o problema, além de não demonstrarem nem deixarem claro que viviam em um ambiente violento.

RESULTADOS

Diante das perguntas, alguns dos entrevistados responderam da seguinte forma, são designados pela sigla entrevistado (E) e o número correspondente a ordem na coletânea dos dados.

280

Diante da primeira pergunta, o entrevistado E15 disse: “Sim o JK é uma escola que destoa da realidade violenta do RJ”. Muitos dos professores trabalham em outros lugares dentro do Rio de Janeiro e têm uma visão mais abrangente dentro da violência no Estado. O E 28 disse: “Nunca presenciei briga de alunos na escola. No entanto, há outros tipos variados de violência. Por exemplo, vários alunos comemoraram o assassinato da Marielle. Vi isso no dia seguinte ao crime”. Esse relato apresenta-nos uma comemoração à violência em nossa sociedade, O assassinato de uma vereadora da cidade do Rio de Janeiro, que lutava por causas sociais, é algo que causa estranheza diante da comemoração de sua morte.

O E 39 disse: “Sim, é possível. Alguns fatores favorecem o ambiente escolar, como o fato da escola se localizar em uma cidade do interior, com baixa densidade populacional e baixos índices sociais de violência, de realidade comunitária, onde os residentes se conhecem, alguns há gerações”. O fato de a Escola Estadual João Köpke localizar-se no interior com poucos habitantes, cerca de 13 mil habitantes, de alguma forma interfere na violência da cidade. Muitos professores e alunos e alunas conhecem-se e interagem dentro do contexto da cidade. Os professores conhecem muitas famílias dos estudantes, o que favorece a comunicação e a intervenção quando necessário diante dos casos de indisciplina e violência escolar.

Diante da segunda pergunta obtivemos as respostas: O E22 disse: “Acho que não...sempre foi um local tranquilo, então, um episódio de violência, seria uma surpresa e consequentemente, sem preparo para o momento”. O entrevistado demonstra por essa resposta que não se sente preparado para lidar com uma situação de violência em seu cotidiano. Já o E28 disse: “Nossa comunidade escolar é dispersa, com professores, pais e alunos morando em cidades vizinhas. Penso que nunca é demais reforçar a não-violência. Conhecemos pouco nossos alunos e suas realidades”. É destacada pelo entrevistado a dificuldade de conhecer melhor os alunos e a realidade em que os mesmos estão inseridos.

O E 39 destaca: “Creio que sim, pelo menos nos casos menos graves. A equipe escolar tem contato contínuo com órgãos e instituições de apoio, como o Conselho Tutelar, o Ministério Público, entre outros”. Como a cidade ainda tem um perfil de cidade do interior, as facilidades de contato com as instituições de apoio tornam-se demais corriqueiras e de rápido atendimento, principalmente o conselho tutelar. O acesso aos familiares dos estudantes também se torna facilitado pelo contato via telefone e presencialmente.

281

O E 42 enfatiza o despreparo por parte dos docentes, da gestão escolar e entre a direção e os professores no enfrentamento a violência escolar: “A escola não está preparada para manifestações de violência, pois os episódios de confronto violento geram problemas entre alunos, entre professor e alunos, entre direção e alunos, entre direção e professor”.

Diante da terceira pergunta o E 15 ressalta a importância da conscientização no ambiente escolar: “Sim, sempre é. Principalmente porque o professor nunca presencia todas as manifestações de *bullying*. É preciso combater e fazer um trabalho de conscientização sempre”.

O E 18 destaca que nem sempre o *bullying* é percebido no ambiente escolar: “O *bullying* é um comportamento silencioso e que só é percebido no ápice da agressão. Então, um simples gesto, brincadeira pode ter um caráter ofensivo e não ser percebido”.

O E 22 aborda a dificuldade na percepção do *bullying* na escola: “Nunca sabemos ao certo como um tipo de *bullying* está afetando emocionalmente um aluno”. O que destaca a fragilidade dos professores em reconhecer e atuar na prevenção a violência escolar.

O E 28 ressalta a importância de ficar alerta diante da violência escolar: “É preocupante no mundo inteiro. No Köpke não seria diferente. O *bullying* é como um vírus que se transmuta. Sempre temos que ficar em alerta”.

O E33 destaca a pouca observância da violência na Escola: “Ainda existem alguns alunos que praticam. No João Kopke bem poucos”. O E34 destaca que a escola “é um ambiente que temos um bom convívio com os alunos”. Da mesma forma o E 35 afirma que “não observo nada de muito preocupante”.

O E 39 destaca em relação aos adolescentes da escola: “Gostam de testar os limites da convivência, o que implica em tentar se impor sobre os demais através da força, do humor, dos sentimentos ou do poder aquisitivo, por exemplo, daí o *bullying*”.

O E 42 ressalta a fragilidade na atuação por parte dos professores diante da violência escolar: “Nem todos os professores se envolvem na problematização e/ou abordagem positiva para solucionar o *bullying* dentro da sala de aula”.

Diante da quarta pergunta obtivemos as seguintes respostas; O E 15 destaca o aumento do conflito entre as meninas: “Antes se via muitos conflitos entre os meninos, mas tenho visto aumentar entre as meninas. Arrisco dizer que as meninas estão entrando em conflito com mais frequência”.

Já o E 18 destaca os motivos para as “brincadeiras” entre os estudantes: “em relação ao cheiro da roupa, da ausência de bom odor, inclusive, falta de higiene corporal em relação a uma aluna”.

O E 28 destaca a violência dos estudantes para com o professor: “Por duas ou três vezes, não consegui prosseguir uma aula, em função de constrangimento sofrido frente a uma ou outra turma. Isso é um exemplo. Já houve casos dá turma inteira fingir que eu não havia entrado na sala”. Já o E 39 destaca a pouca ocorrência da violência: “Sim, porém poucas vezes e sempre de pequenas proporções e sem consequências relevantes”.

Diante da quinta questão foi enfatizada pelo E13 a ocorrência de projetos que visam intervir ou conter a violência escolar: “Periodicamente são implementadas diversas ações neste sentido”.

Da mesma forma que o E 22: “São realizados vários projetos de sensibilização, tanto dos alunos no interior da escola, como fora”. Assim também o E 27: “Em alguns momentos há palestras e aulas específicas sobre o assunto”.

O E 33 disse: “Já participei de palestras com um professor estagiário, e inclusive era policial, que fez um trabalho para alertar sobre essa questão na escola com todas as turmas do

Ensino médio”. Esse entrevistado aborda o fato de a gestão escolar ter buscado profissionais fora da escola para a formação dos estudantes.

Já o E 18 afirma que “desconheço. Deveria existir um código de ética, conduta”.

O E 28 enfatiza a necessidade de aprofundar o assunto: “Estou quase certo de que há algum programa. Penso que precisamos aprofundar a questão e fazer todos os esforços possíveis para uma cultura de paz”.

O E 18 enfatiza também o fato de que a cultura de paz “Não é cultura da obediência. Cultura de paz é algo muito amplo e rico. Envolve diálogo e reflexão”. Sem o diálogo e reflexão no contexto escolar não há o amadurecimento necessário para o enfrentamento da violência escolar.

O E 39 disse: “A escola tem se inserido nas campanhas propostas pela Secretaria Estadual de Educação, além de projetos internos que auxiliam na convivência entre os alunos, prevenindo ocorrências violentas na escola”. Foi destacada a atuação da Secretaria Estadual de Educação que procura frequentemente disponibilizar conteúdo e propostas de enfrentamento ao *bullying* para os estudantes e docentes.

Ao mesmo tempo a E42 diz “Eu, como professora, desconheço”. Por essa resposta percebemos que nem todos os professores são atingidos pelos programas governamentais e da Secretaria de Educação nos programas de prevenção e combate à violência nas escolas.

Análise dos Resultados

Ao analisar os dados da entrevista, percebeu-se a necessidade de investigação e aprofundamento na busca por concepções dos entrevistados, acerca da conceituação de violência escolar, pois, através de algumas respostas, não ficou claro se de fato, ao tocar no assunto sobre violência na escola, os entrevistados tinham conhecimento do assunto ou se não tinham interesse em dar respostas mais conclusivas.

Este fato, apesar de ainda obscuro, nos revela como a violência escolar é tratada de forma velada, não sendo problematizada nem combatida por aqueles que mais sofrem com a sua prática. Diante dos dados coletados, a escola apresentava um baixo índice de Violência Escolar, entretanto isso não ficou evidente na fala de alguns alunos e professores, por, em alguns momentos, entenderem como se atos de violência fossem apenas aqueles que possuem agressão física, excluindo atos verbais, humilhações e vandalismo.

Nesse sentido, percebemos que a comunidade escolar parece apresentar uma visão rasa do que seja violência, naturalizando as ações ofensivas que também são formas de agressão ao ser humano que, em muitos casos, impactam muito mais em sua trajetória do que as agressões físicas.

As análises construídas nesta dissertação não têm como objetivo apontar culpados para o problema, mas compreender a questão.

Na primeira pergunta do Quadro, evidencia-se a resposta da entrevistada que disse nunca haver sofrido algum tipo de violência na escola. Segundo o depoimento da colaboradora, também não presenciou nenhum tipo de violência no espaço escolar, mas relatou que, às vezes, acontece manifestação de insatisfação por parte dos alunos envolvidos ou dos pais, quando são convocados pela gestão escolar.

Os professores entrevistados ressaltaram em sua maioria que acontece, muitas das vezes, são “alunos ficarem estressados quando são encaminhados para mim e alguns pais ou responsáveis que não acreditam o que seus filhos são capazes de fazer em um ambiente escolar e ficam aborrecidos, mas eu procuro acalmá-los e explicar toda a ocorrência dentro da lei para resolver a questão”.

É interessante destacar que a professora compreende a necessidade de conversar com os pais e dialogar sobre as ocorrências, bem como enquadrá-las de acordo com a lei. Ela cita o comportamento estressado de alguns alunos, o esclarecimento que precisa ser feito aos pais, visto que eles parecem desconhecer o comportamento, por vezes, inadequado de seus filhos no ambiente escolar.

Além disso, os professores relatam a necessidade de acalmar os pais dos alunos. Por mais que a temática *violência escolar* não seja contemplada diretamente na fala dos entrevistados, é possível perceber que, a partir das ações relatadas por ela, assim como por meio de sua escolha lexical (“aborrecidos”, “acalmá-los”, “ocorrência”, “lei”), os professores exercem em sua prática profissional o papel de mediadores de conflitos, mesmo sem se dar conta das nuances de violência com as quais precisam lidar em seu dia a dia.

Quando a mesma pergunta foi direcionada para os alunos entrevistados, esses disseram que ainda não ocorreu com eles nenhum tipo de agressão. No entanto, para os alunos, situações de furtos não estão associadas à violência.

Algumas respostas:

- Não, violência física ainda não fui agredido, mas tive um celular furtado por um aluno dessa instituição, mas felizmente consegui recuperá-lo.

- Não, mas já vi outros alunos que fazem a comunicação do ocorrido a qualquer funcionário da instituição para resolver a situação.

Tal relato aponta para a necessidade de a comunidade escolar se preparar para o enfrentamento da violência, a fim de fazer da escola um espaço de acolhimento das necessidades de aluno e, não somente de repressão e punição, o que aumenta o clima hostil nas instituições de ensino.

Em alguns pontos da entrevista, percebeu-se que alguns alunos foram divergentes em relação à situação em que a escola se encontrava, ao contrário de alguns alunos que conseguiram ser diretos quanto à existência de casos de violência na escola.

A dificuldade em se compreender o conceito de violência escolar por parte de alguns professores e alunos dificultou a análise das respostas, pois ao responderem que não existem casos de violência na escola, apesar dos muitos registros apresentados, remete ao que diz Sposito (1998) quando alguns envolvidos em situações de violência não conseguem enxergá-la como tal, considerando como fato rotineiro ou mera transgressão às normas do convívio escolar, ou seja, há uma naturalização dos comportamentos agressivos, visto que é comum em nossa sociedade que comportamentos violentos não sejam barrados e modificados.

Na segunda questão, a saber: “Você já agrediu algum aluno (a), professor (a) ou funcionário da escola? Por quê?” a entrevistada ressaltou que “não agrediu ninguém e que mantém um posicionamento mais ético em alguns casos ocorridos no interior do ambiente escolar”. Outra resposta: “Não, porque existe diálogo entre os professores e alunos nas questões que ocorrem na escola”. Verifica-se na referida resposta que os entrevistados ressaltam a importância do diálogo com os alunos que cometem violência no interior da instituição e da orientação para a resolução dos impasses causados por certas atitudes.

Os professores assumem que ter uma prática de diálogo com os alunos ajuda nas orientações em relação à conduta que devem ter quanto aos acontecimentos da escola em relação aos atos de violências. Sendo assim é possível dizer que, no geral, é comum os professores dialogarem com seus alunos abordando a temática da violência. Durante esses momentos ocorrem momentos de reflexão e ações sistematizadoras para incentivar os alunos a pensarem sobre suas próprias práticas e ações com o outros.

Ao direcionar a mesma pergunta para os alunos, todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que não agrediram qualquer pessoa ou funcionário da instituição. Apesar de a agressão física não ser uma forma de violência presente no ambiente escolar, não é possível deixar de pensar nas ações que geram violência.

Em relação à pergunta “Você consegue apontar as consequências negativas da agressão que fez ou sofreu?” os professores entrevistados responderam que não, pois procuram solucionar suas querelas compreendendo os aspectos relacionados ao aluno ou a outra pessoa, pois às vezes existem problemas extraclasse que influenciam de forma direta o comportamento humano.

Como demonstrado no quadro em que as perguntas realizadas na entrevista, bem como seus objetivos foram expostos, foi possível perceber que essas perguntas tiveram a intenção de compreender os efeitos negativos que a violência causa em suas vítimas, assim como no clima escolar, em se tratando da violência no âmbito da escola.

Diante de tal situação, os autores Maine e Minayo (2018) ressaltam em seu estudo que a grande dificuldade mostrada dentro da escola em relação à violência é o fato de lidar com a falta de comprometimento entre os membros da comunidade escolar.

Na quarta questão direcionada aos professores, a entrevistada explica que acontecem algumas práticas violentas no interior do Colégio Estadual João Köpke, mas que isso é tratado de forma padrão pelos funcionários e gestores da escola. A instituição não é muito diferente das outras escolas do mesmo nível, há momentos em que acontecem algumas violências entre alunos, mas a equipe técnica, unida aos professores e também aos pais ou responsáveis pelo aluno, é chamada imediatamente à ocorrência para conseguir resolver o ocorrido da melhor maneira possível.

Os depoimentos desses professores revelam uma característica muito importante acerca do tratamento da violência no ambiente escolar: a falta de aprofundamento na questão violência e a comparação com as outras escolas revelando que não parece haver um estudo a respeito das ações pontuais da unidade que impactam no clima escolar, a fim de que, de posse desse entendimento, a gestão possa articular estratégias que compreendam a realidade da escola em análise.

Na mesma questão, os alunos entrevistados responderam de forma distinta, ressaltando que a escola não é violenta e que os casos dessa natureza são raros ou inexistentes. Segundo os

alunos entrevistados os servidores da escola conseguem lidar satisfatoriamente com as manifestações de violência e que, por isso, se consideram indiferentes aos índices de violência da escola. Percebe-se, ainda, que as ações que caracterizam a violência parecem não ser de conhecimento pleno da gestão da escola, visto que os alunos se remetem aos funcionários para lidar com os conflitos com os quais se deparam.

Segundo Almeida (2017), para solucionar a problemática da violência nas escolas, é de uma relevância o papel do gestor, visto que é mediante a sua atuação que projetos para combater a violência poderão ser elaborados e implementados. Diante dessa afirmação, faz-se necessária a articulação de ações da gestão, junto aos funcionários, para minimizar a violência entre os alunos.

Na quinta questão aplicada aos professores, praticamente foi dada como resposta que há influências externas à instituição que causam os atos considerados violentos, são problemas de diversas categorias. De fato, a escola muitas vezes precisa lidar com as questões extraescolares apresentadas pelos alunos. Uma escola que pretende formar um cidadão capaz de atuar no mundo de forma reflexiva e crítica não pode desconsiderar as bagagens psicossocial e emocional, tratando o aluno apenas como uma máquina receptora de conteúdo.

Esse é um modelo falido de escola, ainda que muitos educadores e gestores tenham resistência em aceitar essa realidade. Sabemos, por outro lado, que a escola não tem condições de tratar o fundo emocional que gera a violência escolar. Não é essa a função da escola. O que se propõe aqui é a abertura para o diálogo, diante dos relatos apresentados, a fim de que a violência não seja tratada de forma velada, mas sim como um fenômeno real, concreto e presente nas salas de aula da escola.

Conforme os resultados obtidos com a aplicação dessa pergunta aos alunos, observou-se que alguns acontecimentos externos à escola podem vir a contribuir para que ocorra violência no interior do estabelecimento de ensino e fora também, pois a situação socioeconômica é coadjuvante nessa questão.

Na fala dos alunos, é perceptível que há diversos fatores que envolvem também uma violência escolar velada, sim, geralmente intriga entre alunos das escolas influenciam bastante neste tipo de comportamento externo, acabam adotando postura que não são suas.

De acordo com Colômbier et al. (2019), os fatores socioeconômicos e familiares são as maiores causas da violência na escola. Nesse sentido e diante do que foi relatado pelos alunos

em relação à influência, precisa, primeiramente, reconhecer-se como agente da mudança na vida do aluno e se enxergar como corresponsável pelo enfrentamento dessa situação. É evidente que as gestões macro precisam estar no mesmo diapasão e, sobretudo, precisam subsidiar as ações da escola no que tange ao tratamento integral de seu alunado.

Na sexta questão indagou-se sobre a relação dos pais com a violência dos filhos na escola. De acordo com os professores, realmente há uma influência dos pais em conter as atitudes violentas de seus filhos. Sabemos, que a escola não pode trabalhar sozinha no enfrentamento dessas questões e a participação das famílias é muito importante no enfrentamento das questões de violência.

Para os alunos, na maioria das respostas, houve uma concordância quanto à forte relação entre a participação das famílias na contenção da violência, pois ressaltaram, em um pensamento único, ao dizer que a violência na escola pode ser evitada através do diálogo. Conforme Jardim (2006), o relacionamento entre a família e a escola é sempre complementar, pois ambas as partes têm o mesmo objetivo de educar uma criança, os papéis individuais devem ser distintos durante esse processo.

As colocações de Jardim (2016) vão ao encontro das análises realizadas neste trabalho quando afirmamos que o professor assume mais uma atividade de tamanha importância: ensinar valores e posturas aos alunos. É claro que, em sala de aula, as tarefas se misturam e há docentes que se propõem a uma abordagem mais humanista. No entanto, o papel da família é insubstituível. O que a escola não pode mais esperar é que a família consiga dar conta de ensinar valores que, às vezes, não foram difundidos a ela. Como ensinar aquilo que não se sabe?

Nesse sentido, não tendo como prever o tipo de formação que o aluno vai receber fora da escola, torna-se necessário que o combate à violência seja uma vertente de trabalho das unidades e dos órgãos responsáveis pela as escolas, pois, caso contrário, as escolas podem ser palco de reprodução da violência, prejudicando o clima escolar e, conseqüentemente, não conseguindo efetivar o ensino e a aprendizagem. Trata-se de uma questão que demanda reflexão e compreensão, para que os diversos prismas possam ser vistos e tratados.

Já na sétima questão (“A gestão da escola possui relação com os atos de violência na escola? Por quê?”), de acordo com os alunos entrevistados, a gestão da escola não possui relação direta com os fatos de violência que se manifestam no interior da instituição de ensino, e apenas

apontaram ressalvas de que alguns raros episódios de violência não são solucionados porque não são de sua competência.

O professor respondeu nessa questão que não há relação entre a violência e a gestão escolar, pois a escola tenta minimizar as ações violentas de qualquer natureza. Da mesma forma que não se pode eximir a responsabilidade dos professores, dos pais e responsáveis e a dos alunos nesse processo de combate à violência escolar, não podemos diminuir a influência da gestão nessa tarefa.

Sabemos que, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9394, de 1996, inserida no artigo 14, que o ensino público deverá ser regido pela gestão democrática (BRASIL, 1996). Nesse sentido, considerando o papel do gestor de mediar uma escola para todos, acolhendo o aluno e sua bagagem psicossocial e emocional, o gestor ganha o status de grande articulador das ações no combate à violência intraescolar.

Considerando o depoimento dos alunos e dos professores de que não há relação direta entre a gestão e a violência, visto que a equipe gestora tenta minimizar a violência na escola, percebemos mais uma vez que essa comunidade escolar reconhece os esforços da gestão no tratamento do tema, embora não compreenda a prática da violência como algo que precisa ser enfrentado mais profundamente. Entender o gestor como um remediador de problemas, a nosso ver, nos diz muito sobre como a temática vem sendo enfrentada na escola. Ou seja, até o momento, nenhum entrevistado trouxe em seus relatos estratégias da escola para a discussão da violência em seu entorno.

289

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do estudo realizado foi possível responder à pergunta norteadora da pesquisa “Como a comunidade educacional da Escola Estadual João Kopke se manifesta diante da violência no ambiente escolar?”

Através da análise feita, das entrevistas e das observações *in loco*, pode-se concluir que a escola em questão pode ser classificada com uma instituição pacata e sem maiores problemas com as questões propriamente ditas e ou referidas com violência escolar, enquadrando-se nas concepções sociais de pacífica diante dos relatos.

Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa demonstrou que os fatos correlatos ao contexto escolar da instituição em questão não têm vínculo ou demonstração com as manifestações de violência em seu espaço geográfico.

Carreira (2015) conclui que, diante de um ambiente conturbado e vulnerável, a escola perde suas características e funções essenciais de educação, socialização, promoção da cidadania e do desenvolvimento pessoal.

Quanto à função social, a escola objetiva um ensino de qualidade, capaz de oferecer ao aluno oportunidade para tornar-se um cidadão crítico e social, fundamentando-se na igualdade, liberdade, valorização do profissional e na garantia do padrão de qualidade.

Como visão de futuro, a escola destaca o comprometimento com a formação intelectual, afetiva, social, cívica e ecumênica do ser humano, pelo empenho na capacitação profissional do cidadão e na conscientização da atuação sociopolítica na sociedade, por meio de uma forte base humanística, científica e tecnológica.

Tais fundamentos constam no Projeto Político-Pedagógico, pois a escola tem como missão garantir o acesso de todos à educação básica de qualidade, com a participação da comunidade escolar, oferecendo igual oportunidade para todos, visando à construção da cidadania e procurando fazer sempre o melhor para formar cidadãos críticos e conscientes, com capacidade de exercerem sua cidadania e de ingressarem na vida profissional.

No Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual João Köpke estão contidos o histórico da escola, fins e princípios norteadores, missão, visão de futuro, função social da escola, aspectos legais, estrutura física, pedagógica e administrativa, metas, objetivos e os conteúdos programáticos.

O estudo propõe que a escola desenvolva ações estratégicas capazes de minimizar a violência, através da reflexão das origens e das possíveis causas no sentido de fazer valer os direitos e deveres de todos os envolvidos. Sugere ainda a ampliação de uma agenda específica para implementação de seminários sobre a violência com a participação dos professores, alunos e comunidade escolar, o que deve acontecer nas reuniões entre os professores, a fim de tratar e ou conter qualquer tipo de violência no ambiente escolar. Tais procedimentos devem visar meios de minimizá-la e ou conter tais atos no espaço educacional.

Ressalta-se a importância de fazer reuniões periódicas com os pais dos alunos a fim de tratar dos casos de violência na escola e auxiliar os pais a buscar meios de ajudar seus filhos no

enfrentamento aos problemas enfrentados no relacionamento tanto entre os alunos quanto entre os professores.

Vale ressaltar que a escola, enquanto instituição formativa e construtiva, apresenta-se como um lugar privilegiado para a promoção da ética e da moral, pois, além de envolver uma ação para o aspecto cognitivo ou de prática curricular, é um campo de interações sociais de desenvolvimento integral das práticas educacionais e de convivência harmoniosas e pacíficas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas Escolas**. Brasília: NESCO/Ministério da Saúde/Secretaria de estado dos direitos Humanos/CNPq/Instituto Airton Senna/UNAIDS/Banco Mundial/USAID/Fundação Ford/CONSED/UNDIME, 2020.

ABRAMOVAY, M. **Escola e Violência**. UNESCO, UCB, 2017.

ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M. F. **A Violência e a Escola: O Caso Brasil**. Brasília: UNESCO, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2019.

ABRAMOVAY, M. **Escola e Violência**. UNESCO, UCB, 2017.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2019.

CASTRO, Mary Garcia. **Caleidoscópio das Violências nas Escolas**. Brasília: Missão criança, 2016.

CAMACHO, Luiza MitikoYshiguro. As Sutilezas das Faces da Violência nas Práticas Escolares de Adolescentes. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan./jun. 2015.

CANDAU, Vera Maria. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 2019.

CAMACHO, L.M.Y. **A Violência nas Práticas Escolares de Adolescentes**. ANPEDCDROOM, GT Sociologia da Educação, 2016.

CARDOSO, Maria Genilda M. **Prática de Gestão da Unidade Escolar Utopia e o Fenômeno da Violência Escolar**. 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2021.

CARREIRA, D.B.X. **Violência nas Escolas: qual o papel da gestão?** 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2015.

CHARLOT, B. A. **A violência na Escola: Como os Sociólogos Franceses Abordam essa Questão**. Sociologia, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência. Teoria & debate**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, n. 39, p. 32-41, out./nov./dez. 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil**. Brasiliense, São Paulo, 2019.

COSTA, J. F. **O Medo Social: Reflexões para o Futuro**. Revista Veja, 2018.

DEBARBIEUX, E. (org.), COWIE, H. **Desafios e Alternativas: Violência na Escola**. Brasília, UNESCO. UNDP, 2018.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: Carinho e Trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

DEBARBIEUX, Eric; BLAIA, Catherine. **Violência nas Escolas: Dez Abordagens Europeias**. Brasília: UNESCO, 2021.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Versus Editora, 2016.

GASPARIN, João Luiz; LOPES, Claudivan S. **Violência e Conflitos na Escola: Desafios á Prática Docente**. Acta Scientiarum: Human and Social Sciences. V. 25, n.2 Maringá: UEM/PPG, 2018.

292

GOMES, Luiz Flávio. **Bullying e Prevenção da Violência nas Escolas: Quebrando Mitos, Construindo Verdades**. São Paulo: Saraiva, 2017.

GUIMARÃES, Aurea Maria. **Dinâmica de violência escolar: Conflito e Ambiguidade**. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 2018.

GUIMARÃES, Marcelo Resende. **Educação para a paz: sentidos e dilemas**. 2 ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2021.

INEP. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2019/2020**.

JARES, Xesus. **Educar para a paz em tempos difíceis**. São Paulo: Palas Athenas, 2017.

LEITÃO, Alainy Rosado. **Inovação da Gestão Escolar para a Qualidade: o caso da educação pública municipal de Teresina – Piauí**. 2021. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2017.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de Gestão Escolar e suas Competências**. Curitiba: Positivo, 2019.

MATTOS, C. L. G. **A Pesquisa Etnográfica sobre o Fracasso Escolar no Brasil nas Últimas duas Décadas**. Conferência Faculty of Education at Cambridge University, UK, 2017.

- MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo: Ática, 2019.
- PRIOTTO, Elis Palma. **Violência Escolar: Políticas Públicas e Práticas Educativas**. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.
- SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. **Sinais dos Tempos: Marcas da Violência na Escola**. Campinas- SP: Autores Associados, 2020.
- SEGAL, Robert Leal. **A Violência Escolar: Perspectivas em uma era líquido-moderna**. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- SILVA, Aída Maria Monteiro. **Violência Escolar: Negação dos Direitos Humanos e da Formação da Cidadania**. In: ____; AGUIAR, Márcia Ângela da Silva (Org.). **Retrato da Escola no Brasil**. Brasília, 2020.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.
- SCHILLING, Flávia. **Violência é Assunto da Escola, sim!** REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo. Abril 2020. 293
- TAVARES DOS SANTOS, J. V. **A Violência na Escola: Conflitualidade Social e Ações Civilizatórias**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 105-122, jan./jun. 2021.
- VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, 2019.
- ZALUAR, A. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/Revan, 2018.
- ____ et al. Um Breve Balanço da Pesquisa Sobre Violência Escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, jan./jun. 2021.
- ____ et al. Iniciativas Públicas de Redução da Violência Escolar no Brasil. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 101-138, mar.2020.
- ____ et al. **Violência Escolar: Na Escola, da Escola e Contra a Escola**. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2019.
- ____ Para Não Dizer Que Não Falei de Samba. Os enigmas da Violência no Brasil. In: SCHWARTZ, L. (Org.). **História da Vida Privada**. São Paulo: Cia das Letras. (2018)
- ____ **Violência e Criminalidade: Saída para os excluídos ou desafio para a democracia?** In MICELI, S. (Org.). **O Que Ler para Conhecer o Brasil**, São Paulo: Anpocs, 2019.
- ____ **A violência na escola: Conflitualidade Social e Ações Civilizatórias**. **Educação e Pesquisa**, 2021.